Internet e comunicação de resistência[1]

Marta de Araújo Pinheiro
Daniel Martins de Lima Silva

Numa perspectiva histórica, a reflexão sobre a comunicação de resistência remonta aos acontecimentos ocorridos em várias partes do mundo em 1968 como crítica ao sistema dos meios de comunicação operante: verticalidade das emissões, a comunicação sem retorno, a falta de pluralismo na transmissão de informações. A partir da metade dos anos 1990, a expansão da Internet concretiza um modelo de comunicação em rede – horizontal, retroalimentável, plural – e coloca novas questões: o *copyleft* na luta contra a propriedade intelectual e a favor da socialização do conhecimento, o ciberativismo como mobilização social global, as mídias táticas como atuação política que passam a marcar a ascensão de novas reflexões quando imagens, músicas, palavras e idéias se desatrelam de seus suportes materiais e passam a correr o planeta.

Nas últimas duas décadas, o mundo acompanhou o desenvolvimento de novas tecnologias informacionais da comunicação (TIC) e da comunicação mediada por computador (CMC). A partir delas, formas de organização social em rede foram amplificadas em nível mundial. A Internet tornou-se o cenário de várias forças transformadoras da sociedade, desde o movimento *copyleft*, no início da década de 90, até a explosão das mídias táticas, na virada do milênio. Esses movimentos, os mais expressivos do nosso tempo, têm como característica principal, além do uso da Internet, atuarem conforme o modelo da Rede – a forma emergente de organização da pós-modernidade[2].

O movimento *copyleft*, liderado pelo Projeto GNU e a FSF (Free Software Foundation[3]), luta contra a propriedade intelectual e o *copyright*, e defende a democratização da informação, seja ela *software,* música, texto, imagem. Formado por especialistas em programação e usuários das redes de CMC, conhecidos como *hackers*, esse movimento construiu nas décadas de 1980 e 1990 o que entendemos hoje como Internet-Livre, pensada como uma rede aberta para livre circulação de informação. Isso possibilitou mais tarde que diversos movimentos sociais constituíssem redes ativas no espaço da Internet.

Desta forma, foi retomado o uso alternativo das mídias pelos movimentos sociais, o que parecia estar esquecido desde o movimento de contracultura[4]. Nas décadas de 1960 e 1970, este movimento propunha uma ruptura com as mídias convencionais por considerá-las suportes da racionalidade técnica instrumental do Ocidente, que deveriam ser substituídas por uma outra, autônoma e não autoritária. Diferentemente desse momento, a intenção das mídias táticas é "intervir na 'cultura de massa' sem dever necessariamente se comprometer com o sistema"[5], ou seja, elas procuram explorar o potencial criativo e independente que as TIC possibilitam e que, em função de uma lógica de mercado, é usado pelas corporações de mídia como dispositivo de controle. Para designarmos essa prática da mídia, usaremos o conceito de mídia tática, elaborado por Geert Lovink e David Garcia, que pretende englobar diversos tipos de mídia que atuam de forma independente, isto é, não vinculadas a qualquer corporação, mercado ou estado e que têm como função intervir diretamente na circulação e distribuição da informação.

"No curso dos últimos anos, as lutas criativas das multidões produziram os materiais de sujeitos numerosos e diferentes: a dialética das fontes abertas, das fronteiras abertas, do conhecimento aberto".[6] Diante de sua potência para agregar vários tipos de ativismos através da Rede, é extremamente relevante observar como esses movimentos, que ofereceram as bases de um uso transformador da Internet, se constroem. Quais são seus objetivos? Como são as principais formas de atuação? Quais as modificações ocorridas nesses últimos dez anos, quando o uso das TIC como ambiente mobilizador de resistência se mostrou eficaz, a partir do Movimento Zapatista e das rodadas de Seattle e Genova? Como esses movimentos, que atuam nas redes cibernéticas, podem estabelecer uma aliança com os ativismos fora da Rede, principalmente com aqueles que não possuem os recursos tecnológicos adequados, ainda restritos a uma parcela pequena da população mundial? Quais as estratégias para construir um circuito de ativismo organizado de forma autônoma, colaborativo e

por meio de redes mundiais?

Para compreendermos essas questões, escolhemos dois textos de referência nestes dez anos de movimentos em Rede. O primeiro, *"Por qué el software no debe tener proprietários",* foi escrito em 1994 por Richard Stallman, um dos mais relevantes atores na luta pelo *software* livre, tática fundamental para a socialização da informação. O segundo, *"Notes on the state of networking",* discute a fase atual da Rede e foi lançado em 2004, pelos ativistas Geert Lovink e Florian Schneider.

A geração de 1990

Segundo Richard Stallman, "as tecnologias digitais da informação contribuem para o mundo fazendo com que seja mais fácil copiar e modificar informação. Os computadores prometem tornar isso mais fácil para todos".[7] Estabelecia-se aí uma estratégia de luta para essa geração: a liberdade de informação, praticada pelas mídias táticas e erguida como a bandeira do movimento *open source*[8].

Nesse período, retoma-se o uso tático da mídia, com experimentações estéticas e narrativas. Surgem vários movimentos de defesa de minorias e valorização de guetos culturais através de músicas, vídeos, *fanzines*[9], CD-Roms e artes plásticas. Enquanto isso, em 1994 foi lançado o primeiro navegador comercial, o Netscape Navigator, e a www (World Wide Web, a Rede Mundial de Computadores) estava prestes a ser lançada. O movimento *Hacker*[10] já estava mais consolidado e o Projeto Gnu[11] comemorava 10 anos.

O lançamento do GNU/Linux, em 1991, impulsionou o movimento *copyleft*, que defende a liberdade de executar, copiar, modificar e redistribuir qualquer tipo de produção intelectual. Com o código-fonte aberto e disponível *on-line*, o sistema operacional desenvolvido por Linus Torvalius é atualizado freqüentemente, contando com a ajuda de vários outros programadores interessados em resolver pequenos problemas do sistema. Assim, o Linux foi se desenvolvendo cada vez mais, e hoje é amplamente reconhecido como o sistema mais confiável para computadores que trabalham com Internet.

Em "Por qué el software no debe tener proprietarios"[12], Stallman mostra os seus argumentos na luta contra o *copyright,* defende-se do que chama de "insultos" feitos pelas corporações de mídia e pela Software Publisher's Association (Associação de Editores de Software) e lembra que a lei não representa a verdade absoluta e pode ser mudada. O principal argumento de Stallman é

estabelecer com clareza a diferença entre *software* e produtos materiais:

> Uma razão é uma analogia forçada entre o software e os objetos materiais. Quando eu faço um espaguete, me queixo se outra pessoa o come, porque então eu não poderia mais comê-lo. [...] Mas o fato de que você execute ou modifique um programa que escrevi lhe afeta diretamente e a mim indiretamente. Se você dá uma cópia a seu amigo, afetará a você e seu amigo muito mais do que me afetará.[13]

Além disso, ele lembra que a produção de *software* não depende do *copyright*, ou seja, pagar pelo uso dos programas – esta é apenas uma questão econômica que pode ser resolvida de outras maneiras. O *software* proprietário atrapalha o espírito de cooperação entre os cidadãos, já que impede a livre circulação de idéias, sob o pretexto de que emprestar um *software* a um vizinho seria "pirataria".

Por mais que o *copyleft* incomode as corporações de desenvolvimento de *software*, estas não são capazes de impedir o crescimento do *software* livre. Atualmente, vários países do mundo, incluindo o Brasil, usam programas *open source* em seus computadores, o que, há dez anos atrás, seria sonhar alto demais. Stallman considerou "o movimento de software livre [...] pequeno e, todavia, jovem".[14] Mostrando que este processo não é exclusivo ao espaço da Internet, Stallman fornece exemplos de democratização da informação fora da Rede, lembrando as rádios livres nos Estados Unidos, que mantidas pela própria audiência, mostraram ser possível sustentar uma atividade em grande escala sem estarem comprometidas com o sistema de mercado.

Mídia tática e ciberativismo

Paralelo ao movimento de *software* livre, as mídias táticas se desenvolviam amplamente, valorizando a inovação, a criatividade e o uso das novas TIC. A partir de 1995, quando a www é criada, segundo a estrutura desenvolvida por Tim Berners-Lee – formato de livre circulação de informações –, os movimentos de mídia tática passam a atuar na Internet, devido ao seu relativo baixo custo de reprodução e alto grau de mobilização.

Enquanto os tecnólogos e teóricos festejavam as novas possibilidades aber-

tas pelas TIC e a CMC, os ativismos midiáticos tendiam a se tornar cada vez mais libertários e a negar a unilateralidade do neoliberalismo político-econômico. Através da CMC, foi formada uma vasta rede de ativistas políticos que balançaram o mundo na virada do século. Os ciberativistas surpreenderam até a si mesmos: "[...] a mobilização de massa de dezenas de milhares nas ruas de Seattle, e centenas de milhares nas ruas de Gênova".[15] Chamados erroneamente pelas mídias tradicionais em todo mundo de movimentos antiglobalização, eles lutavam na verdade por uma outra globalização, mais igualitária e que não fosse decidida por poucas pessoas trancadas em salas secretas.

Estes ativismos mostravam a importância das mídias independentes. A partir dessas manifestações, a mídia tática floresceu dentro da Internet. É importante lembrar que as mídias táticas não se constituem como uma organização de produções alternativas, desejosas em fazer uma ruptura com o sistema, e sim como uma proposta voltada para a intervenção nas mídias convencionais, abarcando uma série de manifestações independentes e sem restrições de gênero (intelectual, jornalístico, estético, etc, até mesmo *off-line*, como teatro de rua). Vários *sites* são considerados como mídia tática, inclusive o CMI (Centro de Mídia Independente), que surgiu a partir da rodada de Seattle. Durante as manifestações lá ocorridas, voluntários de todo o mundo realizaram uma cobertura jornalística completa e em tempo real dos eventos, contando com áudio, vídeo e fotos em seu *site*. Com apenas cinco anos de existência, o CMI já conta com mais de cinco mil voluntários, em mais de 50 países nos cinco continentes, e o CMI-Brasil é um dos mais atuantes.

Os movimentos sociais díspares, que no início da década de 1990 atuavam isoladamente e sem estratégias definidas, passaram a se encontrar em uma luta comum: por uma outra globalização. "Se havia uma estratégia, esta não seria a contradição, mas a existência complementar".[16]

E este deve ser um princípio a ser alcançado. Em "Notes on the state of networking"[17], Geert Lovink e Florian Schneider discutem a fase atual dos movimentos em Rede, do ciberativismo e das mídias táticas. Segundo eles, continuamos presos à discussão sobre as possibilidades abertas pelas novas TIC e a CMC. "Depois de uma excitante primeira fase de introduções e debates, as Redes são colocadas a teste: ou se transformam em um corpo capaz de agir, ou elas continuam estáveis na mera troca de informações".[18]

A crítica destes autores continua lembrando que, infelizmente, não se pode dizer que a força da Rede é ilimitada, o que seria um excesso de otimismo. O que pode estar ocorrendo é um retrocesso quando se procura restabelecer

representações e hierarquias dentro do Sistema: o progresso dos trabalhos em rede fica travado em uma mentalidade que depende de caridades e doações. "O que está faltando é uma perspectiva autonôma não formada".[19] Para que a Rede atinja um novo patamar de independência, é necessário que ela encontre autonomia em relação às formas de poder dominantes.

Segundo Lovink e Schneider, após o WSIS[20], ficou evidente a falta de uma crítica contundente à sociedade da informação que não fosse "tecnofóbica". Eles acreditam que a crítica às perspectivas sobre as novas TIC ou é demasiado apocalíptica, alegando que estas trarão o fim das instituições e consolidarão o controle do capital sobre o Homem, ou é demasiado apologética, ao acreditar que as novas TIC libertarão o Homem das barreiras do corpo e construirão uma sociedade mais justa e igualitária. Fica faltando, portanto, estabelecer uma crítica não maniqueísta da produção em rede, da CMC e das TIC – nem apocalíptica, nem apologética: "Parece não haver outra saída da estagnação intelectual do que promover encontros incomuns e alianças inesperadas, entre programadores e operários, ativistas e pesquisadores, artistas e unificadores".[21]

Autonomia e colaboração

Diante desta perspectiva, a experiência narrada por Aris Papathéodorou em "Hackers ouverts"[22] sobre a criação da rede eletrônica *samizdat.net* pode ser bastante esclarecedora para a formação de alianças estratégicas e táticas nos futuros movimentos de resistência.

A lógica da apropriação, no caso do *samizdat.net*, a princípio se mostrou muito útil e cômoda. No entanto, devido à falta de acesso a elementos inerentes à própria propriedade privada (como o código-fonte ou serviços de assistência técnica), a apropriação acabou por ficar limitada. A alternativa encontrada foi passar a utilizar *softwares* livres, que possuem código-fonte aberto e assistência técnica disponível em vários *sites* e fóruns.

> Com as lógicas e os sistemas informáticos proprietários, nós somos sempre condenados a ser simples usuários pacíficos, sem a possibilidade de interagir com seus outros usos, a lógica livre nos oferece ao contrário a possibilidade de se apoiar em sua comunidade de programadores e usuários [de software livre].[23]

A cooperação dos usuários dos serviços oferecidos pelo *samizdat.net*, em seus mais diversos níveis, possibilitou a troca de conhecimentos e técnicas, imediatamente revertidos em práticas políticas e comunicativas. A formação autônoma de uma comunicação eficaz se fez presente na cooperação e aproximação de três saberes fundamentais: a) os saberes técnico-científicos, através de *softwares* livres; b) os saberes políticos comunicativos, que procuram repensar o mundo sob uma outra lógica que não a da globalização neoliberal; e c) os saberes de mobilização social, colocando em prática os saberes políticos comunicativos com a aplicação prática dos conhecimentos técnico-científicos.

Uma proposta recente na Rede, que nos parece um exemplo concreto desta formação autônoma da comunicação, é o *Creative Commons*, criado pelo professor de Direito, Lawrence Lessig, que dispõe ferramentas livres para obtenção de propriedade intelectual, visando promover a utilização e a proteção dos saberes, obras e técnicas sob uma lógica proprietária mais flexível, transparente e participativa. O "*creative commons*" muda a tática de confronto com a lógica proprietária do *copyright* ao propor uma licença fundada sobre o livre acesso. Esta licença, obtida diretamente através do www.creativecommons.org, é a busca por um equilíbrio sustentado entre compromissos e moderação que utiliza o direito privado para criar bens públicos, quer dizer, por essa licença, um conteúdo pode ser reproduzido e divulgado gratuitamente, mas sob certas condições – 12 modalidades de licenças possíveis – e sem a participação de uma instância juridicamente estabelecida.

Conclusão

No decorrer dos últimos dez anos, a sociedade sofreu o impacto de uma forma de organização emergente em rede, capaz de promover a mobilização de indivíduos fora das rédeas do sistema capitalista-mercantil. O *copyleft*, o ciberativismo e as mídias táticas vêm provando serem capazes de propor alternativas eficientes na luta pela democratização da informação. Apesar do impulso inicial, ainda há muito a ser feito: a Rede continua sendo limitada pelas barreiras ao acesso, sejam elas tecnológicas ou de linguagem, e incapaz de atingir a maioria da população. Para isso, a proposta de se estabelecer uma aliança entre as forças de transformação da sociedade dentro e fora da Rede parece a mais potente.

Existem muito mais questões a serem feitas do que respostas sobre o destino da Rede a médio e longo prazo. Os próximos passos a serem tomados podem ser decisivos nesse futuro incerto, principalmente para países como o Brasil, e isso depende da capacidade de articulação e mobilização de seus movimentos.

Notas

1. Trabalho apresentado no Celacom/2005
2. Cf.: Lovink, G. e Schneider, F. *Notes on the state of networking*. Endereço Eletrônico: http://multitudes.samidat.net/article.php3?id_article=1349.
3. Em português, Fundação do Software Livre. Ela é uma entidade sem fins lucrativos isenta de impostos para o desenvolvimento de *software* livre.
4. Durante os anos 1970, o movimento de contracultura buscava a liberdade através de manifestações experimentais artísticas e midiáticas, sempre iconoclastas e subversivas.
5. "(...) intervenir dans la 'culture de masse' sans devoir necessairement se compromettre avec le 'syteme'." Tradução livre. Lovink e Schneider, 2003.
6. "Au cours des dernières années les luttes créatrices des multitudes ont produit des matériaux sur des sujets nombreux et différents: la dialectique des sources ouvertes, des frontières ouvertes, de la connaisssance ouverte." Tradução livre. Lovink e Schneider, 2003.
7. "Las tecnologias digitales de la información contribuyen al mundo haciendo que sea más fácil copiar y modificar información. Los ordenadores prometen hacer esto más fácil para todos". Tradução livre. Stallman, 1994.
8. *Open Source* significa código-fonte aberto. Esse termo será usado nesse artigo como sinônimo de *copyleft* ou *software* livre.
9. Fanzine é uma abreviação de *fanatic magazine*. Trata-se de uma publicação despretensiosa, voltada para um público jovem e que trata, em geral, de assuntos ligados à música e à cultura de massa, em padrões experimentais.
10. Por movimento *Hacker*, entendemos a comunidade de programadores de sistema que passam horas a fio na frente do computador buscando novas soluções para seus programas. É importante não confundi-los com os *crackers, hackers* que possuem o péssimo costume de invadir e danificar os computadores alheios.
11. O Projeto GNU é coordenado por Richard Stallman e foi fundado com o objetivo de desenvolver e incentivar o desenvolvimento de *software* em regime de *copyleft*.
12. Cf.: Stallman, 1994.
13. "Una razón es una analogía forzada entre el software y los objetos materiales. Cuando yo cocino espaguetis, me quejo si otra persona se los come, porque entonces yo ya no me los puedo comer. [...] Pero el hecho de que si tú ejecutes o modifiques un programa que yo he escrito te afecta a ti directamente y a mí indirectamente. Si tú le das una copia a tu amigo te afecta a ti y a tu amigo mucho más que lo que me afecta a mi." Tradução livre. Stallman, 1994.
14. "el movimiento de software libre es pequeño y todavía joven". Tradução livre. Stallman, 1994.
15. "(...) la mobilisation de masse à des dizaines de milliers dans les rues de Seattle, des centaines de milliers dans lês rues de Genes." Tradução livre. Lovink e Schneider, 2003.
16. "S'il y a une stratégie, ce n'est pas la contradiction mais l'existence complémentaire". Tradução livre. Lovink e Schneider, 2003.
17. Cf.: Lovink e Schneider, 2004.
18. "After an exciting first phase of introductions and debates, networks are put to the test: either they transform into a body that is capable to act, or they remain stable on a flatline of information exchange". Tradução livre. Lovink e Schneider, 2004.
19. "What is lacking is an informed autonomist perspective". Tradução livre. Lovink e Schneider, 2004.
20. World Summit of the Information Society. Em português, Encontro Mundial da Sociedade

da Informação, o qual ocorreu na cidade de Gênova, Itália.
21. "There is no other way out of the intellectual stagnation than to stage unlikely encounters and unexpected alliances, between coders and solders, activists and researchers, artists and unionists". Tradução livre. Lovink e Schneider, 2004.
22. Cf.: Papathéodorou, 2004.
23. "(...) avec les logiciels et les systèmes informatiques propriétaires, nous sommes toujours condamnés à être de simples utilisateurs passifs, sans possibilités d'interagir sur les outils utilisés, le logiciel libre nous offre au contraire la possibilité, à la fois de s'appuyer sur des communautés de développeurs et d'utilisateurs(...)". Tradução Livre. Papathéodorou, 2004.

Referências bibliográficas

BARBROOK, R. *Cibercomunismo*: como os americanos estão superando o capitalismo no ciberespaço. Texto disponível em: <www.cybercomunismo.com>, acesso em 2000.
CASTELLS, M. *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
GARCIA, D. e LOVINK, G. *ABC da mídia tática*. Texto disponível em: <www.multitudes.net>, acesso 2001.
LOVINK, G. *Que venha a mídia tática*. Texto disponível em www.midiatatica.org, acesso em 2001.
LOVINK, G. e SCHNEIDER, F. *Un monde virtuel est possible*. Texto disponível em: <www.multitudes.net>, acesso em 2003.
_____ e _____. *Notes on the state of networking*. Texto disponível em: <www.makeworlds.org>, acesso em 2004.
STALLMAN, R. *Por qué el software no debe tener proprietários*. Texto disponível em: <www.sindominio.net>, acesso em 2004.

Resumo

Dos softwares livres ao MP3, do direito de citação ao plágio considerado como arte, a comunicação como mediadora da liberdade de conhecimento e de informação constitui o desafio central da Sociedade de Informação. Este artigo pretende mapear, através do levantamento dos principais manifestos que marcam este novo momento, o processo de construção da comunicação de resistência na Internet.

Palavras-chave

Resistência, *Copyleft,* Ativismo, Comunicação

Abstract

From free software to MP3, from the right to quote to plagiarism considered as art, communication (understood as a mediator of freedom of knowledge and information) is the main challenge in our Information Society. This paper intends, by means of a survey of the most important manifestos issued nowadays, to map out the process of the construction of resistance communication in the Internet.

Key-words

Resistance, Copyleft, Activism, Communication